



Um Call à la Sherlock Holmes

Precisão na análise para resolver o quebra-cabeça

“Você é o jogador mais *sick* que eu já vi. Quanta autoconfiança”, disse um gringo no LAPT de Floripa. “Foi o call mais lindo que já vi”, foram as palavras de Sérgio Braga depois da mão que apresento para vocês esse mês. E o melhor de tudo: eu fui o autor da proeza (risos). Brincadeiras à parte, às vezes é bom poder comentar uma jogada em que as coisas dão muito certo. Esta, particularmente, foi uma das mãos mais difíceis e marcantes da minha carreira. Vamos a ela:

A MÃO

Com blinds em 150-300, Mojave (29.000 fichas) abre raise de 750 do UTG+1. O jogador no button (13.000 fichas) dá call, e o flop traz A-J-3. Mojave aposta 1.025 e recebe call novamente. No turn vem um 6 e Mojave dá check-call na aposta de 2.075 do oponente. Outro J aparece no river, e o brasileiro pede mesa mais uma vez. Nesse momento, o button vai all-in por 8.400 fichas. Mojave pensa bastante antes de dar call e apresentar 7-3 off.

Metagame

Como sempre, eu estava tentando manter meu jogo imprevisível e, por mais que estivesse “mixando” bastante, àquela altura eu já estava jogando muito mais solto. Resolvi então abrir raise com 7♣ 3♣ do UTG+1. A mesa era muito tranquila e vinha apresentando pouca ação pré-flop. O jogador que estava no button deu call (era Thiago Guedes, que eu conhecia e sabia se tratar de um excelente jogador, entre os melhores da mesa). Além disso, após quatro níveis completos de blinds, é preciso já conhecer todos os oponentes à mesa.

Havia um histórico entre mim e Thiago nesse torneio. Logo no começo,

aconteceu uma mão na qual eu subi com par de damas, alguém deu call no meio do caminho e ele tribetou em posição. Dei call e vimos, heads-up, um flop baixo no qual dei check-call, seguido por um check-check no turn e, depois de pensar muito, um check no river. Ele deu check-behind com a intenção de dar muck nas cartas, só que eu tinha dado check no river justamente para saber com o que ele estava jogando ali. Pedi para o dealer abrir as cartas dele e Thiago tinha QTo, ou seja, nada, “air”.

Quando a fatídica mão aconteceu, eu já tinha uma imagem dele muito bem definida, que veio se confirmando ao longo do jogo, reforçada pelo fato de os amigos dele aparecerem na mesa, de vez em quando, perguntando se já havia alguém irritado com ele, afinal, esse vinha sendo seu estilo de jogo: agressivo e indisciplinado. Entretanto, mesmo apresentado um poker de qualidade, ainda se tratava de um jogador que vinha ganhando experiência – essa última mão que usei como exemplo reforça isso.

Análise

No flop, acertei apenas o terceiro par em um bordo A-J-3 com naipes diferentes e apliquei uma *c-bet* de 1.025. Ele deu call depressa. No turn, veio



um 6, eu dei mesa e vi uma aposta muito rápida de 2.075. Dei call. O river trouxe um J, deixando o bordo com A-J-3-6-J. Pensei por uns instantes e pedi mesa. Ele foi all-in quase que instantaneamente, com mais 8.400 fichas.

A análise de tudo isso é um tanto complexa, mas vamos com calma, para que fique claro para vocês meu raciocínio ao longo da mão:



Dada sua agressividade, era grande a chance de ele estar dando float (call sem nada).

2 – Sabendo que ele era um jogador competente, eu tinha certeza de que ele sabia que eu estava com uma mão relativamente fraca para acompanhar a ação.

3 – Pelo valor, nenhuma mão o faria jogar dessa maneira, pois ele jamais tomaria call de alguém que não tivesse nada.

4 – Cabia a mim identificar o range de call dele do button e analisar a frequência com que o range de blefe dele derrotaria minha mão fraca.

5 – Pelo fato de ele ainda ser inexperiente no jogo live, eu era capaz de detectar algumas tells dele (o que aconteceu nessa mão).

Assim, depois de estar convencido de que ele estava dando float, fui analisar o range de mãos com que ele daria call do button contra mim. Sei que o que torna meu call improvável é que grande parte do range de blefe dele acaba ganhando do meu parzinho de três, mas não consegui colocá-lo em uma mão legítima e, para mim, ele não representava absolutamente nada com aquela sequência de ações. Consegui também pegar algumas tells de postura e de padrão de apostas:

“O que torna meu call improvável é que grande parte do range de blefe dele acaba ganhando do meu parzinho de três, mas eu não consegui colocá-lo em uma mão legítima e, para mim, ele não representava absolutamente nada com aquela sequência de ações”

“Consegui também pegar algumas tells de postura e de padrão de apostas: como eu disse, sei que ele é um jogador talentoso, mas ainda muito novo, com maneirismos bastante perceptíveis ao olhar de um jogador mais experiente”

como eu disse, sei que ele é um jogador talentoso, mas ainda muito novo, com maneirismos bastante perceptíveis ao olhar de um jogador mais experiente. Diante disso, acreditei que poderia descer muito o meu range de call, já que eu sabia que, se ele estivesse blefando, dessa vez não desistiria no river, como o fez naquela mão do início do torneio (disso eu tinha certeza absoluta).

Depois de juntar todas essas peças do quebra-cabeça, reanalisei a jogada por completo novamente, e tudo indicava que minha leitura estava correta. Então, depois de intermináveis oito minutos pensando, resolvi dar call. Ele não tinha nada além de Q-high, exatamente o que eu achava que ele tinha. No final das contas, acredito que eu daria esse call com KQ também, já que o raciocínio era o mesmo.

Conclusão

Foi um call extremamente complicado, que exigiu bastante do meu raciocínio, mas tudo me levava a crer que eu tinha resolvido esse quebra-cabeça. Esse é o tipo de call que, se eu não tivesse tanta certeza do que se passava ali, teria sido um fold rápido no river. Essa certeza foi me fazendo reduzir o range enquanto eu revia todo o processo, o que me dava mais motivos para pagar aquele all-in.

Gosto muito da jogada dele, mas, nessas circunstâncias, ela costuma ser pouco efetiva: não pensar na ação quando chega sua vez de falar é um erro grave – e bastante comum – entre os jogadores inexperientes. A adaptação do jogo online para o live não é tão simples quanto parece, mas certamente Thiago Guedes, meu adversário nessa mão, tem talento o bastante para se tornar um grande jogador na arena ao vivo.

No final das contas, todos os fatores que analisei apontavam para o call, sem contar o meu stack, que, caso eu perdesse aquela mão, ainda ficaria com cerca de 16 mil fichas, com blinds em 150-300. Pelo grau de dificuldade, esse provavelmente foi o call mais difícil da minha carreira. Fui muito feliz em minha análise. ♠